

O pobre menino na sepultura

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Era uma vez um pobre menino pastor cujo pai e cuja mãe tinham morrido. As autoridades o haviam entregado à casa de um homem rico, que deveria alimentá-lo e educá-lo. Mas o homem e sua mulher tinham um coração mau; apesar de toda a sua riqueza, eram avarentos e invejosos e se aborreciam quando alguém punha na boca um pedaço de seu pão. Fizesse o que fizesse, o pobre menino recebia pouca comida, mas tanto mais pancadas.

Um dia, ele devia cuidar da galinha com seus pintinhos. Mas ela passou com os filhotes por uma cerca viva, e um gavião logo mergulhou do alto e a levou pelos ares. O menino gritou com toda a força:

— Ladrão, ladrão, patife!

Mas de que adiantava? O gavião não devolveu sua presa. O homem ouviu o barulho, veio correndo e, ao saber que sua galinha tinha sumido, enfureceu-se e deu no menino uma surra tão grande que ele não conseguiu se mexer durante alguns dias. Agora tinha de cuidar dos pintinhos sem a galinha, e o trabalho era ainda mais difícil: um corria para cá, outro para lá. Então achou que faria uma esperteza se amarrasse todos juntos num cordão, pois assim o gavião não poderia roubar nenhum. Mas estava muito enganado. Alguns dias depois, quando adormeceu, cansado de correr de um lado para outro e da fome, a ave de rapina veio e agarrou um dos pintinhos; como os outros estavam presos a ele, levou todos consigo, pousou numa árvore e os engoliu. O camponês estava justamente chegando em casa e, ao ver a desgraça, ficou

furioso e bateu no menino tão impiedosamente que ele teve de passar vários dias na cama.

Quando pôde se levantar outra vez, o camponês lhe disse:

— Você é burro demais para mim; não posso usá-lo para cuidar dos animais. Vai servir de mensageiro.

Então o mandou ao juiz, a quem devia levar um cesto cheio de cachos de uva, e lhe entregou também uma carta. No caminho, a fome e a sede atormentaram tanto o pobre menino que ele comeu dois dos cachos. Entregou o cesto ao juiz, mas este, depois de ler a carta e contar os cachos, disse:

— Estão faltando dois.

O menino confessou com toda a sinceridade que, movido pela fome e pela sede, tinha comido os que faltavam. O juiz escreveu uma carta ao camponês e pediu outra quantidade igual de cachos de uva. Também estes o menino teve de levar com uma carta. Como sentia de novo tanta fome e tanta sede, não encontrou outra saída e comeu mais dois cachos. Antes, porém, tirou a carta do cesto, pôs debaixo de uma pedra e se sentou em cima, para que a carta não pudesse vê-lo e denunciá-lo. Mas o juiz mesmo assim o chamou a prestar contas dos cachos que faltavam.

— Ah — disse o menino —, como o senhor ficou sabendo? A carta não podia saber, pois antes eu a tinha colocado debaixo de uma pedra.

O juiz não pôde deixar de rir daquela ingenuidade e mandou uma carta ao homem, recomendando que tratasse melhor o pobre menino e não lhe deixasse faltar comida e bebida; também deveria lhe ensinar o que era certo e o que era errado.

— Eu vou lhe mostrar a diferença — disse o homem cruel. — Se quer comer, também tem de trabalhar; e, se fizer alguma coisa errada, aprenderá bem a lição com as pancadas.

No dia seguinte, pôs o menino num trabalho pesado. Ele devia picar alguns feixes de palha para alimentar os cavalos. E o homem ainda o ameaçou:

— Daqui a cinco horas estarei de volta; se até lá a palha não estiver toda picada, vou bater em você até não conseguir mexer nenhum membro.

O camponês foi à feira com a mulher, o criado e a criada, e não deixou ao menino nada além de um pedacinho de pão. O menino se pôs junto do banco de picar palha e começou a trabalhar com todas as suas forças. Como sentiu calor, tirou seu casaquinho e o jogou sobre a palha. Com medo de não acabar a tempo, cortava sem parar e, em seu empenho, sem perceber, picou junto com a palha o próprio casaquinho. Só tarde demais notou o desastre, que já não podia reparar.

— Ah! — exclamou. — Agora estou perdido. O homem malvado não me ameaçou à toa; quando voltar e vir o que fiz, vai me matar de tanto bater. Prefiro tirar minha própria vida.

Certa vez, o menino ouvira a mulher do camponês dizer:

— Debaixo da cama tenho um pote de veneno.

Mas ela só dissera aquilo para manter afastados os que gostavam de beliscar, pois o que havia ali era mel. O menino se arrastou para debaixo da cama, tirou o pote e o comeu todo.

— Não sei — disse ele —, as pessoas dizem que a morte é amarga, mas para mim tem gosto doce. Não admira que a mulher do camponês deseje tantas vezes a morte.

Sentou-se num banquinho e ficou preparado para morrer. Mas, em vez de enfraquecer, sentiu-se fortalecido pelo alimento nutritivo.

— Não deve ter sido veneno — disse —, mas o camponês falou uma vez que em seu baú de roupas havia um frasquinho de veneno para moscas. Esse deve ser o veneno de verdade e vai me trazer a morte.

Mas não era veneno para moscas, e sim vinho húngaro. O menino pegou a garrafa e a esvaziou.

— Esta morte também tem gosto doce — disse.

Pouco depois, porém, quando o vinho começou a lhe subir à cabeça e a entorpecê-lo, achou que seu fim se aproximava.

— Sinto que vou morrer — disse. — Vou ao cemitério procurar uma sepultura.

Saiu cambaleando, chegou ao cemitério e se deitou numa sepultura recém-aberta. Cada vez mais perdia os sentidos. Ali perto havia uma estalagem onde se celebrava um casamento; quando ouviu a música, pareceu-lhe que já estava no Paraíso, até que por fim perdeu inteiramente a consciência. O pobre menino não acordou mais: o ardor do vinho e o orvalho frio da noite lhe tiraram a vida, e ele permaneceu na sepultura em que se deitara por conta própria.

Quando o camponês recebeu a notícia da morte do menino, assustou-se e teve medo de ser levado ao tribunal. O pavor o dominou de tal maneira que caiu

desmaiado no chão. A mulher, que estava junto ao fogão com uma frigideira cheia de banha, correu para ajudá-lo. Mas o fogo saltou para a frigideira, tomou a casa inteira e, poucas horas depois, ela já estava reduzida a cinzas. Os anos que ainda lhes restavam de vida, os dois passaram na pobreza e na miséria, atormentados pelo remorso.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-pobre-menino-na-sepultura>